



UNIVERSIDADE  
HOLÍSTICA  
*Carmem Romani Sunacai*



# SIBILLAS

*As mensageiras dos Deuses*



**AULA 6**



### **NOSSOS OBJETIVOS:**

- Levar o conhecimento da Cultura e Tradição Cigana.
- Oferecer cursos e atendimentos que proporcione a busca do conhecimento e autoconhecimento individual e em grupo.
- Nossa meta é atender a necessidade da busca do ser para o seu crescimento. Sejam bem-vindos!



### **FACILITADORA:**

Shuvani - Tsara Gitana Carmem Romani Sunacai  
Oraculista, escritora, numeróloga e orientadora metafísica.

*“É uma honra compartilhar meus conhecimentos para que você encontre seu cawminho de destino e evolução”.*



# Baralho Gigano

Tradição de Acampamento

**CURSO PRESENCIAL!**

**INÍCIO: 14/08**

SÁBADOS - DAS 11H AS 13H

**8 AULAS,  
30 TÓPICOS  
EBOOK  
CERTIFICADO**

Abra a sua mente para  
um caminho de conhecimento  
e autoconhecimento que  
florescerá em seu coração  
tornando-o um farol que ilumina  
o caminho a ser trilhado!

**Investimento: 170,00**

em até 3X (Pix, cartão ou boleto bancário).

Inscreva-se: [www.carmemromanionline.com](http://www.carmemromanionline.com)

# *Tradições de Sacerdotisas:*



# As Pitonisas:

Os gregos davam o nome de Pitonisas a todas as mulheres que tinham a profissão de adivinhas, porque o deus da adivinhação, Apolo, era cognominado de Pítio, quer por haver matado a serpente-dragão Píton, quer por ter estabelecido o seu oráculo em Delfos, cidade primitivamente chamada Pito.

A Pitonisa era a sacerdotisa do oráculo de Delfos. Sentada sobre o trípede ou cadeira alta com três pés, acima do abismo hiante de onde brotavam as exalações proféticas; ela divulgava seus oráculos uma vez por ano, no começo da primavera. Mas antes de se sentar na trípede, a Pitonisa se banhava na fonte de Castália, jejuava três dias, mascava folha de loureiro, e com religioso recolhimento, cumpria várias cerimônias. Terminados esses preâmbulos, Apolo prevenia a sua chegada ao Templo que tremia até os alicerces.



Então a Pítia era pelos sacerdotes conduzida à trípede. Era sempre em transportes frenéticos que ela desempenhava sua função: dava gritos, uivos e parecia possuída pelo deus.

Assim que desvendava o oráculo caía em uma espécie de transe, que algumas vezes durava muitos dias. A princípio existiu uma única Pitonisa, mas com o tempo, o grande número de consultas que eram regularmente feitas, exigiu que se criassem ou que se recrutassem novas Pitonisas. Para atingir a grande honra de ser sacerdotisa, isto é, Pitonisa, era necessário satisfazer algumas condições consideradas essenciais, como ser pura, haver recebido uma educação simples e jamais haver conhecido o luxo, vestindo-se com recato. De preferência as Pitonisas eram recrutadas entre as famílias pobres, porque, acreditavam os gregos que a riqueza era incompatível com a elevada missão da Pitonisa.

O oráculo é uma das instituições religiosas mais bem documentadas do mundo clássico grego. Entre os escritores que o mencionaram estão Heródoto, Tucídides, Eurípides, Sófocles, Platão, Aristóteles, Píndaro, Ésquilo, Xenofonte, Diodoro, Estrabão, Pausânias, Plutarco, Lívio, Justino, Ovídio, Lucano, Juliano, o Apóstata e Clemente de Alexandria.



A mitologia grega também apresenta Apolo matando Píton, e dividindo seu corpo em dois, como uma ação necessária para se tornar dono do oráculo de Delfos.

Na mitologia babilônica a morte de Tiamat pelo deus Marduk, que divide seu corpo em dois, é considerada um grande exemplo de como correu a mudança de poder do matriarcado ao patriarcado: “Tiamat, a Deusa Dragão do Caos e das Trevas, é combatida por Marduk, deus da Justiça e da Luz. Isto indica a mudança do matriarcado para o patriarcado que obviamente ocorreu”.

Um ponto de vista comum a seu respeito afirmava que a pítia apresentava seus oráculos durante um estado de frenesi causado por vapores que subiam de uma fenda no rochedo sobre o qual o templo havia sido construído, e que ela falava coisas sem sentido que eram transformadas pelos sacerdotes do templo em enigmáticas profecias, preservadas na literatura grega.

Foi a Pítia de Delfos que disse a Sócrates ser o homem mais sábio de todos os homens de Atenas.

A Pítia, era amplamente conhecida pelas suas profecias inspiradas por Apolo. Ela proferia seus oráculos sentada num tripé que ficava sobre uma fenda de onde emanavam vapores. Ao inalar esses vapores entrava em estado extático e assim profetizava.

Durante a possessão, a sacerdotisa mastigava folhas de louro, cuja árvore era sagrada para Apolo, e usava também uma taça com água.

## *Máximas e preceitos dos Sete Sábios da Grécia escritos nas paredes do templo de Apolo em Delfos:*

- 1- *A ignorância é intolerável.* (Tales de Mileto)
- 2- *Moderação na prosperidade.* (Periandro de Corinto)
- 3- *Saiba aproveitar a oportunidade.* (Pítaco de Mitilene)
- 4- *Aprenda a saber ouvir.* (Bias de Priene)
- 5- *Nada em excesso.* (Sólon de Atenas)
- 6- *Tenha uma língua bendizente.* (Cleóbulo de Lindos)
- 7- *Conhece-te a ti mesmo.* (Quílon de Lacedemônia)

# As Vestais:

**E**m Roma, Héstia foi venerada como a Deusa Vesta. Lá o fogo sagrado de Vesta uniu todos os cidadãos de Roma em uma família. A Deusa romana Vesta (Héstia) era uma Virgem Eterna conhecida como “aquela de luz”.

Suas sacerdotisas eram as Virgens Vestais que mantinham o fogo sagrado sempre aceso, representavam a alma verdadeira de Roma. Se o fogo se extinguía, as Vestais deveriam reavivá-lo friccionando uma madeira ou estaca.

Seis Vestais de boa origem familiar, iniciando seu ofício entre os sete e os dez anos. Elas eram selecionadas obedecendo determinados critérios que incluíam estarem livres de qualquer tipo de imperfeição física ou mental e possuírem pais livres e vivos. Depois de passarem por uma rigorosa seleção, eram eleitas pelo alto sacerdote para assumirem um compromisso de trinta anos, dos quais, os primeiros dez anos seriam dedicados para estudos (Discípula em Latin) e treinamentos.

Os dez anos seguintes, tornavam-se serviçais da Deusa (cuidavam do fogo, da limpeza do templo e participavam de cerimoniais) e os últimos dez, deveriam treinar as novatas Vestais.



As Vestais tinham a cabeça circundada por frisos de lã branca que lhes caíam graciosamente sobre as espáduas e de cada lado do peito. As suas vestes eram muito simples, mas elegantes. Por cima de um vestido branco usavam uma espécie de roquete da mesma cor. O manto, que era de púrpura. No princípio cortavam os cabelos, entretanto, mais tarde, exibiam longa cabeleira.

Eram sempre deixadas à distância das outras pessoas, honradas, e esperava-se que vivessem como Vesta, com terríveis consequências se não permanecessem virgens.

Qualquer virgem Vestal que mantivesse relações sexuais com um homem, profanaria a Deusa. Como punição deveria ser enterrada viva, sepultada em uma área pequena e sem ar no subsolo, com luz, óleo, alimento e um lugar para dormir. A terra acima dela seria então nivelada, como se nada estivesse embaixo. Portanto, a vida de uma virgem vestal como personificação da chama sagrada de Héstia era extinta quando ela parava de personificar a Deusa. Era coberta com terra como o carvão que se extingue em uma lareira.

Em compensação, apesar de todos esses rigores, as Vestais gozavam do maior respeito e eram tão sagradas que se passassem ao lado de um homem condenado, esse era perdoado.



Eram também, muitas vezes, chamadas para apaziguar as dissensões nas famílias e muitos segredos lhes eram confiados, até os do Estado. Foi entre suas mãos que o imperador Augusto depôs o seu testamento. Depois de sua morte elas o levaram ao Senado Romano.

Quando o luxo se espalhou em Roma, as Vestais passeavam em suntuosa liteira, mesmo em carro magnífico, com um numeroso séquito de mulheres e de escravos.

Há uma lenda que conta que as primeiras Vestais foram eleitas pelo herói troiano Eneas, o primeiro ancestral de todas as coisas romanas.

## STATUS E PRIVILÉGIOS

As sacerdotisas vestais possuíam um status jurídico muito particular dentro da sociedade romana. Por serem elas as guardiãs do fogo sagrado, as virgens vestais foram obtendo com o passar dos séculos uma crescente série de privilégios exercidos dentro do direito romano. Essas leis eram direcionadas somente as sacerdotisas de Vesta, não tendo as mulheres romanas nenhuma ligação com essa jurisdição. Alguns dos privilégios são:

- As virgens vestais estão livres da autoridade paterna (Pater familias) e da tutela de seus familiares, citado na Lei das Doze Tábuas;
- Estão livres a fazerem seus próprios testamentos;
- Saírem à rua precedidas de lictores, como faz o magistrado. Os cônsules e pretores ao se encontrarem com as virgens vestais cediam espaço e mandavam abaixar seus fascas diante delas, em sinal de respeito; [13]
- Podem ser enterradas no Pomerium;
- As virgens vestais podem servir de testemunhas para um processo;



Na mitologia Sibilas são um grupo de personagens da mitologia greco-romana. São descritas como sendo mulheres que possuem poderes proféticos sob inspiração de Apolo. São Sacerdotisas com dom profético, eram mortais ou filhas de um mortal com uma ninfa, e eram em geral bastante longevas. Duas das Sibilas mais famosas são a da Eritreia, consagrada a Apolo pelos pais, cujo tempo de vida foi igual ao de nove homens; e a de Cumas, na Itália, cuja velhice foi longa e agonizante após Apolo tê-la amaldiçoado.

Do dicionário, a definição para sibila é bruxa, mulher sábia e sacerdotisa. Embora as mais famosas fossem as que prestavam culto ao deus Apolo, existiram sibilas também em outras civilizações. como a persa, libanesa, hebraica, délfica, etrusca, etc.

# As Sibillas na história:

**N**a Pérsia existiu uma profetisa chamada Sibilina Babilónica, e ela profetizou os feitos de Alexandre O Grande. Na Líbia, havia uma Sibila de Amon, que num templo de Amon, ( Zeus), que aconselhou Alexandre O Grande aquando da sua conquista do Egipto. No templo de Apolo, em Delfos, também existia uma Sibila de grande poder, procurada por pessoas de todo o mundo.

Em Roma, existiu também uma Sibila Etrusca, que foi consultada por César. Existiu também um Livro Sibilino, um conjunto de oráculos provindos da Sibila de Cumas, compilado pelo Rei Tarquinio 534 a.C. – 509 a.C..

A sibila de Cumas era natural da jónia, ( Turquia), e o seu dom profético revelou-se desde o seu nascimento. A sibila de Cumas profetizava as suas revelações em versos.

A ela estão ligadas profecias de inestimável valor e surpreendente veracidade, sobre a grande mudança que sofreu o império romano, assim como sobre o nascimento de Jesus e o Cristianismo.

As sibilas praticavam as artes da adivinhação através do contacto com espíritos, fazendo-a através de diversos métodos. Alguns deles ainda hoje são conhecidos: piromancia, necromancia, leituras de pêndulos e varas, incorporação, etc

Na antiguidade, o dom da adivinhação era visto como uma capacidade divina, que alguns possuíam. Essas pessoas que tinham o dom de contactar com os espíritos, usavam diversos rituais como forma de invocar as divindades e também de receber delas as respostas ás suas questões. A mancia, é o termo Grego que exprime a capacidade de prever o futuro com recurso á comunicação com o mundo espiritual.



# *As sacerdotisas de Ísis*

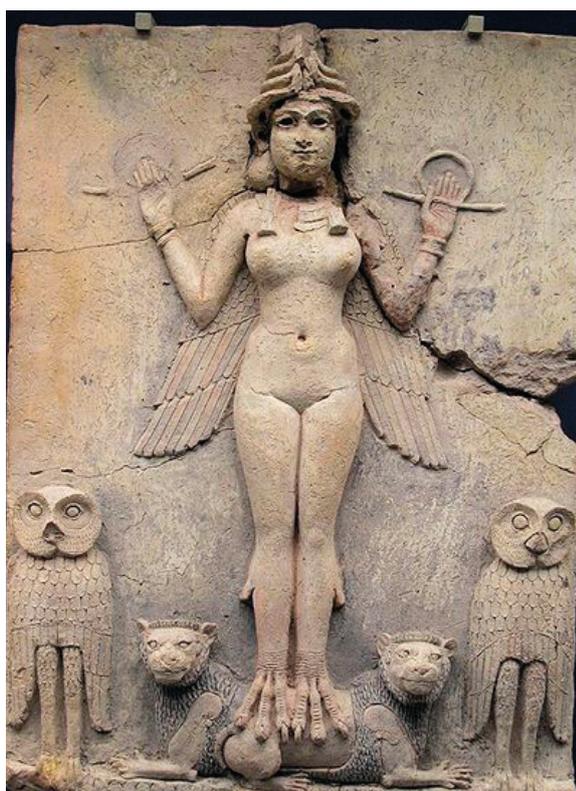
**H**á 3 templos feitos para a adoração de Ísis. Nos antigos rituais egípcios as sacerdotisas eram curadoras e tinham outros poderes especiais, como a interpretação dos sonhos, controle do clima, utilizando tranças ou penteados estranhos dos cabelos, pois acreditavam que os nós tinham poderes mágicos.

As sacerdotisas de Ísis, postas em estado de transe, manifestavam ao Faraó fatos distantes ou fatos ainda a ocorrer, isso era semelhantemente, os oráculos e as sibilas articulavam suas profecias sob o efeito de uma espécie de transe auto-hipnótico.



# As Sacerdotisas Sumérias

O sacerdócio feminino na Suméria teve início com Sargão de Akkad e sua filha Enheduana como a primeira sacerdotisa, estando ligado à antiga adoração da Deusa-Mãe ou Deusa da Fertilidade como também era conhecida.



Na Suméria esta deusa era conhecida pelos nomes de Inana e Ishtar. A abordagem deste estudo relativo às sacerdotisas sumerianas chega num contexto onde é possível compreender qual o papel destas nos templos sumérios e qual sua importância como mulheres atuantes na sociedade. Suas atuações nos ritos em adoração às deusas e a manutenção da fertilidade legaram a estas mulheres também a denominação de “prostitutas sagradas” em ritos conhecidos como o “casamento sagrado”.

Na época, estes ritos estavam baseados na compreensão dos mitos que explicavam a vida e a natureza. Eram de suma importância para o povo, pois estavam sempre em contato com os deuses. Estas mulheres eram intermediárias entre o povo, os governantes e os deuses, sendo suas atuações nos ritos diferenciadas da atuação dos sacerdotes masculinos.

Através de ritos onde o meio natural era considerado sagrado, as sacerdotisas mantinham as boas colheitas e a fertilidade de homens e mulheres, como também aplacavam a ira dos deuses mantendo um Estado de calma, harmonia e de paz na Suméria. Asseguravam a simpatia dos deuses pelos governantes locais e suas vitórias em possíveis confrontos inimigos.

O estudo das sacerdotisas sumerianas nos revela que o gênero feminino estava intimamente ligado com o aspecto mental do povo sumeriano relacionado à paz e à fertilidade. Em uma sociedade tipicamente dominada pelos homens, as sacerdotisas eram respeitadas justamente por usar das características femininas para garantir a simpatia dos deuses, a fartura de colheitas e a fertilidade do povo.

Estas mulheres puderam se sobressair numa sociedade onde a atuação masculina era reconhecida pela força e ação sobre o meio, garantindo a guarnição e prosperidade ao povo, mas que acima de tudo respeitava a consangüinidade materna apresentando características de uma sociedade matrilinear.

Características estas, que eram asseguradas pelas tabuas de leis sumerianas, o Código de Hamurabi, que já para aquele período elucidava perfeitamente os direitos e deveres das mulheres, bem como das sacerdotisas como cidadãs reconhecidas em sua sociedade. O estudo dos mitos traz a compreensão e o entendimento do povo sumeriano sobre sua relação com os deuses, às lendas e os ritos. Através deste entendimento mitológico também é levado em consideração não somente os aspectos históricos, mas as mentalidades envolvidas por traz da atuação das sacerdotisas nos templos sumérios e como com o passar do tempo esta leitura cultural transformou-se na depreciação feminina dos últimos séculos.



A Suméria como referência de uma Civilização Antiga apresentava características bastante evoluídas tecnologicamente o que nos permite observar a atuação das mulheres no papel de sacerdotisas de forma a reconhecê-las como sujeito histórico.

Para um povo onde tudo provinha dos deuses e era sagrado, as sacerdotisas representavam a Deusa na Terra e traziam através dos ritos a segurança social que era almejada pelos governantes e pelo povo e que somente os mitos explicavam de forma aceitável dentro de um contexto e vivência históricos.

A Suméria é uma redescoberta recente realizada pelos historiadores e arqueólogos. E através desta redescoberta, várias hipóteses têm sido formuladas no que se refere às Antigas Civilizações do Próximo Oriente. Dentre estas o destaque feminino do papel das sacerdotisas nos templos sumérios, onde inicialmente ouvia-se apenas sobre a importância masculina na figura dos sacerdotes responsáveis pelos cultos aos deuses e funerais.

De posse a esta versão basicamente masculina da história, vários pesquisadores vêm dando um novo olhar aos chamados “excluídos da história”, e neste contexto uma maior relevância a participação e atuação feminina.

A Suméria, como várias outras civilizações do Antigo Oriente Próximo incorporou o culto a Deus-Mãe que já vinha ocorrendo desde o Paleolítico. A Deusa-Mãe era uma entidade espiritual de poder e força, semelhantes às conhecidas do Deus-Javé, cultuado pelo povo hebreu. Esta estava associada às forças da natureza e as mulheres, dando uma conotação feminina ao aspecto Divino.

Ela seria aquela conhecida por muitos nomes e muitas faces correspondendo simultaneamente à virgem, mãe e amante (ou noiva). Na mitologia suméria, Ninhursaga, “a mãe da terra”, chamou-se Ninsikilla, “a pura (virgem) senhora”, até que ligada a Enki, o deus da água da sabedoria, e deu a luz sem dor, numerosas divindades, depois de nove dias de gravidez. Então transformou-se em Nintu-ama-Kamma, “a senhora que dá a Luz”, “a mãe da terra”, e como esposa foi Damgal-nunna, “a grande esposa do príncipe”.



Sendo concebida como o fértil solo e dado nascimento à vegetação, foi conhecida por Nin-hur-sag-ga, “a senhora da montanha”, onde a natureza manifestava os seus poderes de fecundidade na Primavera, na luxuriante vegetação das suas verdejantes encostas.

Esta conotação divina relacionada à Deusa fazia parte não só da compreensão dos sumerianos, mas também de outras civilizações da antiguidade e de algumas civilizações futuras, antes da opressão masculina sobrepôr-se a divinização das mulheres.

Esta divinização estava relacionada aos nascimentos dos bebês que eram considerados obras do sagrado, enfim da Deusa-Mãe, pois as relações sexuais não eram associadas ao ato de conceber. Aos olhos humanos este fato levava a mulher a uma condição de escolhida e protegida da Deusa o que fez com que seu próprio ciclo menstrual representasse uma incógnita.

A mulher mensalmente sangrava de acordo com o ciclo lunar, transformando este mistério incurável, porém não fatal, em mais uma obra do divino. E é justamente neste contexto envolto no mito que liga a mulher ao sagrado e a Deusa, dando origem ao sacerdócio. Para o povo sumério, assim como outros, a mulher era a representante da Deusa na terra, fortalecia e atraía a fertilidade sendo associada inevitavelmente as colheitas e aos habitantes, gerando através do sacerdócio feminino um culto intimamente ligado a Deusa.



O início do sacerdócio feminino é instituído como prática habitual por volta do ano 2334 a.c com Sargão de Akkad quando se dá a formação do primeiro império sumeriano.

Esta prática vem a se manter por meio século sendo posteriormente conhecida como a Tradição. Conta um mito sumeriano que Sargão teve um sonho onde é favorecido pela deusa Inana, tornando-se o governante e a partir deste momento passa a prestar culto a ela, através de Enheduana sua filha. A sacerdotisa passa a ser a representante de Inana na terra.

Enheduana além de princesa e sacerdotisa foi poetisa e a primeira mulher da história a ter em suas mãos o poder da escrita. Escreveu vários hinos e poemas a Inana e Ishtar abordando o culto, anseios, desejos e revoltas pessoais junto às deusas. Como ministra era a conselheira junto do governante e demais nobres de sua época, orientando e aconselhando de acordo com a vontade dos deuses. Vivenciou poder temporal e espiritual, além de ter considerável erudição, representando um testemunho precioso de uma mulher de seu tempo com tamanha responsabilidade.



O poema a seguir assemelha-se a uma redação de diário e descreve a imagem que Enheduana tem da deusa Inana:  
*Senhora de todas as essências, cheia de luz,  
boa mulher, vestida de esplendor,  
que possui o amor do céu e da terra,  
amiga de templo de An,  
tu usas adornos maravilhosos,  
tu desejas a tiara da alta sacerdotisa  
cujas mãos seguram as sete essências.*

Sargão ao unificar a parte sul da Mesopotâmia a região de Acádia (futura Babilônia) passa a reconhecer Inana também por Ishtar, nome que a deusa assume na Babilônia.

Inana ou Ishtar é considerada por alguns pesquisadores como a deusa do amor e da fertilidade. No entanto para Cardoso ela também passa a assumir um caráter militar, o que pode justificar mitologicamente a conquista territorial de Sargão pelas armas. Esta íntima relação de Sargão com Inana é que o faz instituir o sacerdócio pela primeira vez na Suméria com sua filha Enheduana.

Enheduana como primeira alta sacerdotisa da Suméria cultua a deusa Inana e também o deus Nanna ou Sin que é um deus lunar. Nanna está diretamente associado à lua, que para os sumérios recebia mais importância que o sol, ao contrário do Egito.

A lua está também ligada ao ciclo menstrual feminino o que pode ser a hipótese provável da importância da mulher sumeriana nos ritos de adoração, pois o deus Nanna era regente do tempo, das estações, da fertilidade e do sangue sagrado de todas as mulheres.



As sacerdotisas como seguidoras da Deusa a cultuavam em ritos de adoração que simbolizavam a fertilidade tanto do solo como da população. Os ritos eram realizados em templos altos conhecidos como zigurats, que eram construções suntuosas que se assemelhavam a montanhas. As montanhas tinham grande importância entre os sumérios, pois representava um ponto de passagem ou transição de um mundo para o outro.

As sacerdotisas são descritas por alguns pesquisadores como as “prostitutas sagradas”, hieródulas ou entu em

acádio, pois muitas delas sequer conheciam os homens com quem teriam as relações sexuais. Foram descritas por Heródoto tardiamente pela seguinte compreensão:

O pior dos Hábitos é aquele que obriga toda a mulher do país a sentar-se no Templo do Amor uma vez na vida e ter relações com um desconhecido.

Os homens passam e fazem sua escolha, e as mulheres não recusam nunca, pois isso seria pecado. Depois desse ato tornou-se santa aos olhos da deusa, e volta para casa.

A prostituição sagrada, no entanto não era imposta. As sacerdotisas que se dedicavam ao sacerdócio normalmente o faziam de livre e espontânea vontade, pois o faziam pela deusa e assim também caíam em suas graças.

Para os sumérios servir aos deuses era uma honra. Não é a toa que nas civilizações vindouras, estas mesmas serviçais iriam ser reconhecidas como Graças.



As sacerdotisas não eram ridicularizadas e menosprezadas. Seu papel tinha suma importância entre os sumérios, pois através destas a simpatia dos deuses era garantida. Eram respeitadas e valorizadas, pois representavam a encarnação da própria Deusa nos ritos realizados sendo destinados a elas direitos legais no Código de Hamurabi.

Esta prática que sempre que ocorre por todo Oriente Próximo ou Médio, é chamada “prostituição ritual”. Nada poderia degradar mais completamente a verdadeira função das gadishtu, as mulheres sagradas da deusa eram reverenciadas como a reencarnação da própria Deusa, celebrando seu dom do sexo que era poderoso, santo e precioso, que gratidão eterna lhe era devida dentro do seu templo. Ter relações com um desconhecido era a mais pura expressão da vontade da Deusa, e não acarretava qualquer estigma.

Na antiguidade a prostituição não tinha uma conotação pejorativa como o é hoje. A cultura judaico-cristã contribuiu para que houvesse um erro de interpretação às expressões *virgo* e *parthenoi* relacionadas à castidade, dificultando seu entendimento ainda hoje.

A primeira significa mulher intacta, não casada, celibatária, já que a sacerdotisa normalmente era virgem e só a partir do ritual era iniciada na arte do amor.

A segunda expressão significa “ nascidos de uma virgem”, pois os filhos nascidos de uma sacerdotisa eram considerados filhos diretos da deusa, portanto eram denominados como heróis ou semi-deuses. Virgem era a mulher não casada, portanto sem ligação com pureza, inocência ou castidade.

Os deuses eram alimentados, vestido e presenteados. As oferendas incluíam alimentos que também eram consumidos pelos homens e usados para libações. Sendo queimados diante às estatuas incensos e madeiras aromáticas.



O momento do ritual era totalmente preparado no zigurats. Antes de adentrar nos espaços sagrados do templo era preciso purificar-se. A purificação implicava em se lavar, e o próprio santuário era varrido e espargido água. Incenso e outros elementos aromáticos eram também usados na purificação.

O ritual de Ano Novo era uma celebração banhada com cerveja e os músicos do templo tocavam músicas que intensificavam a dança e atração sexual. Eram também feitos sacrifícios no templo com o oferecimento dos primeiros grãos, os primeiros rebentos de gado e às vezes até a primeira criança. Sendo o sangue considerado sagrado

e portador de fertilidade os ritos tinham o intuito de aumentar o poder de vida a terra.

Durante os preparativos da sacerdotisa o regozijo e a alegria eram extasiantes e eróticos. Após o festejo o casal nupcial, a sacerdotisa e o governante, uniam-se no aposento sagrado do zigurats representando a deusa e o jovem viril deus da vegetação.

*O rei dirige-se com a cabeça erguida ao colo santo,*

*Ele se dirige com a cabeça erguida ao colo santo de Inana,*

*O rei vindo com a cabeça erguida,*

*Vindo à minha rainha com a cabeça erguida...*

*Abraça a Hieródula...*

O papel social da sacerdotisa era valorizado, sendo assegurado pelo Código de Hamurabi. Assim como os hinos de Enheduana que abordam poeticamente as atuações de uma sacerdotisa.



## CONCLUSÃO

A análise do sacerdócio feminino na Suméria permite concluir que a importância da mulher no passado era muito maior do que se imaginava, ou seja, a interpretação baseada na versão judaico-cristã passada historicamente subentendia a mulher como um ser impuro, cheia de pecados e inferior ao homem, sem significado perante a humanidade trazendo o estigma de traidora e portadora do mal.



A história escrita pelo “homem” e posteriormente dominada e influenciada pela igreja deu a entender que a mulher tinha todas as características necessárias para representar o “mal” sobre a terra. Portanto o resgate histórico da mulher ocupando setores socialmente considerados dentro da sociedade nos faz refletir que uma possível dominação masculina e da igreja possam ter criado este conceito para garantir interesses de poder e ganância impedindo a perpetuação da atuação feminina como vinha acontecendo na antiguidade sumeriana. A força e a presença da mulher nas sociedades matrilineares eram sedimentadas na consangüinidade dos laços maternos envolvendo inclusive o contexto religioso destinando a estas mulheres um lugar de respeito em seu meio social.



Nos relatos advindos da reconstrução histórica da antiguidade sumeriana permite perceber que a valorização não era conjugada a uma dominação feminina sobre o homem, pelo contrário, havia uma ação inter-relacionada onde ambos, homem e mulher, mesmo que fosse para agradar aos deuses atuavam conjuntamente por um mesmo objetivo.

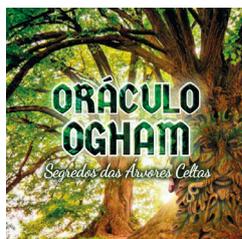
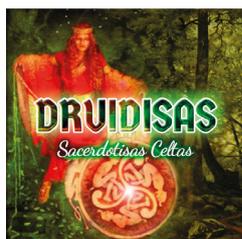
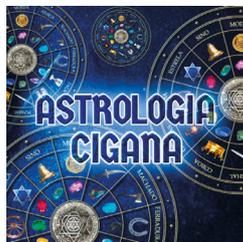
No rito do “casamento sagrado” a sacerdotisa e o governante garantiam a simpatia dos deuses e conseqüentemente a prosperidade e a fertilidade do solo e de homens e mulheres, assim como o lugar de seu governante no poder.

A força da natureza permitia àqueles povos uma explicação mítica que garantisse a estes o entendimento e um suposto domínio sobre ela, já que não a compreendiam perfeitamente.



UNIVERSIDADE  
HOLÍSTICA  
*Carmem Romani Sunacai*

## CONFIRA NOSSOS CURSOS ONLINE



Inscreva-se:

[www.carmemromanionline.com](http://www.carmemromanionline.com)